



FLORESTAS MISTAS DE SOBREIRO E PINHEIRO MANSO
GESTÃO PARA VALORIZAÇÃO DOS PRODUTOS,
PROMOÇÃO DA BIODIVERSIDADE E PREVENÇÃO DE FOGOS

Desafíos en la gestión del pino piñonero em Portugal. Jornadas Científico Técnicas – Selvicultura y gestión de pinares de pino piñonero y otros pinares mediterráneos. 31 de março, 1 e 2 de abril de 2022. Organização: Universidad de Huelva, Junta de Andalucía (Consejería de Agricultura, Ganadería, Pesca y Desarrollo Sostenible), Asociación Forestal Andaluza AFA-PROFOR.

Só a região de Andaluzia alberga uma área de pinhal-manso semelhante à de Portugal continental com aproximadamente **190 mil ha**. As florestas de *Pinus pinea* são maioritariamente **públicas** (80%), nas quais se inclui grande parte dos parques natural e nacional de Doñana, sendo a gestão condicionada pelo **financiamento estatal** e muito focada numa racionalidade de conservação. A **falta de financiamento** do estado é, tal como em Portugal, um forte constrangimento à operacionalização de uma silvicultura aplicada, seja para que propósito for.

As condições edáficas são, nesta região, claramente adequadas o pinheiro-manso: areias mais ou menos consolidadas com algum teor de argila, ainda que em solos muito pobres em nutrientes. A proximidade ao mar e a reduzida amplitude térmica é favorável à espécie cuja **presença remonta ao neolítico**. Ações de reflorestação num passado mais recente (s.XVIII), revelam que o pinheiro-manso (e os pinheiros, de um modo geral) foram uma peça fundamental na **fixação das dunas, na protecção do solo contra a erosão com um propósito forte de fixação das populações junto ao litoral**. Um paralelismo possível com o nosso pinhal de Leiria.

O pinheiro-manso está historicamente ligado à paisagem natural, tem uma forte **conotação simbólica e religiosa** com a comarca de Doñana, em estreita harmonia com a Romaria da Virgem de El Rocío. É uma **“árvore com personalidade”** como refere José Álvarez pois é inconfundível na paisagem. A gestão da floresta tem uma preocupação muito grande com a manutenção da sanidade das árvores, nomeadamente com o controlo da processionária, devido à grande afluência de pessoas à comarca. Os percursos e caminhos estão devidamente marcados para minimizar o impacte das romarias na envolvente natural e paisagística que é **Património Mundial da UNESCO desde 1994**, e habitat reconhecido do lince na Península Ibérica.

Os gestores no terreno têm **muito interesse na produção e pinha** e reconhecem, em algumas zonas mais húmidas, algum potencial de produção. Porém, a pouca indústria que ainda persiste refere **quebras fortes de produção** de pinha, com valores entre 5 a 10 % do que era há 30 anos. Esta fraca produção tem aparentemente **afectado a regeneração natural** que é, desde a década de 90, bastante baixa. A colheita é mecânica mas dentro da área florestal de Doñana é manual, e do chão. É proibido subir às árvores.

O Vale do Guadalquivir (Andaluzia) enfrenta fortes constrangimentos à produção de pinha. Um deles está relacionado com os **baixos níveis de precipitação anual que rondam os 400mm** podendo ir aos 250mm em anos mais secos. Esta irregularidade da precipitação é incompatível com a produção de fruto. Por outro lado, o contexto histórico e social está muito focado para a conservação dos recursos naturais. A densidade de árvores, ainda que muito variável, ascende as 200 por hectare e existe uma **forte resistência social ao corte de árvores**. Os **roubos** são, tal como em Portugal, um problema de grande escala e que

afecta a fileira da pinha e também da madeira. Não há mecanismos de controlo ou fiscalização. Avanços no conhecimento sobre enxertia em viveiro (comercializado por várias empresas a 12 €/planta), na selecção genética de garfos e no uso de porta enxertos de outras espécies (nomeadamente em *Pinus halepensis*) são interessantes mas com pouca expressão (ou mesmo sem aplicação) em Espanha. Em Portugal as taxas de sucesso de enxertia são suficientemente elevadas para não ser necessário o recurso a outras técnicas e cuja utilização será certamente mais onerosa.

Existe um plano de aproveitamento anual organizado pelas autarquias com licitações e posterior adjudicação para aproveitamento da madeira de pinheiro tanto para serração, estilha, biomassa ou pasta para papel. A **biomassa** é, aos dias de hoje, **um produto difícil de comercializar** devido às especificidades exigidas do material à porta da fábrica, e que é muito variável de acordo com o operador (dimensões, % de humidade, quantidade de agulhas). Os pinheiros-mansos têm um porte adequado para serração, na realidade, bem diferentes do que se vêem em Portugal. Os fustes são limpos, sem nós e a copa é muito mais pequena, reduzida aos ápices que conseguem chegar à luz. Ainda assim menos interessante que o pinheiro bravo.

Além dos bens materiais, existem várias iniciativas de valorização da floresta andaluza orientada para o **mercado de créditos de carbono**, para os **serviços do ecossistema** sustentada numa lógica de **certificação florestal**. Proprietários, gestores e a investigação reconhecem a necessidade de uma gestão dirigida para criação de rentabilidade na floresta. Acima de tudo, que permita uma **diminuição do impacto dos fogos na paisagem**, reduzindo a sua intensidade e, ao mesmo tempo, criar oportunidades para um combate mais eficaz. As elevadas densidades de árvores e a acumulação de vegetação arbustiva no subcoberto tornam as florestas de pinhal-manso extremamente vulneráveis a incêndios catastróficos como o que ocorreu em junho de 2017 em condições meteorológicas extremas (ventos na ordem dos 80 km h⁻¹, temperaturas acima dos 35 °C e humidade relativa <20%).

Os vários estudos apresentados pela academia referem um **efeito muito evidente da gestão**, nomeadamente no controlo da vegetação arbórea por intermédio de desbastes, cortes selectivos e desramações na produtividade de pinha ou madeira. Várias empresas de prestação de serviços usam **soluções tecnológicas de monitorização muito mais rápida e eficiente e a baixo custo**. Portugal está aqui significativamente atrás.

A **transferência de conhecimento** entre investigação para a aplicação foi o mote para este evento. Esta é aliás, uma preocupação crescente e necessária para que os resultados da investigação cheguem mais rápido e de forma mais eficiente aos operadores no terreno. Tal como em Portugal, também ficou patente a necessidade de uma **“pedagogía forestal”** na sociedade, como frisou Enrique Álvarez, para transmitir à sociedade a visão que as florestas são um **sistema complexo (conjunto) e não uma soma de árvores (indivíduos)**. Nesse sentido é importante responsabilizar o tipo de gestão florestal (ou a falta dela) na propagação dos incêndios, e assim **evitar uma desnecessária “criminalización de determinadas espécies”**, como referiu José Garcia Sanz. Estas são preocupações comuns entre Portugal e Espanha que deverão redobrar esforços para valorizar os produtos de elevado valor acrescentado e que melhor sabem produzir: pinha e cortiça.

Resumo de:

Alexandra Correia (alexandra.correia@iniav.pt)

David Lafuente